

“O Amor e Eu”: Um Mistério *

C. H. SPURGEON

“Eu lhes fiz conhecer o teu nome, e lho farei conhecer mais, para que o amor com que me tens amado esteja neles, e eu neles esteja” (João 17.26).

Por várias manhãs de sábado minha mente tem se dirigido para temas que eu poderia com propriedade denominar as profundidades de Deus. Penso que nunca senti mais plenamente a minha incompetência do que ao tentar lidar com aqueles. É um solo em que se pode cavar e cavar o mais fundo que quiser e, ainda assim, jamais exaurir as pepitas de outro que nele jazem. Entretanto, conforto-me com este fato: que tais temas são tão frutíferos que, mesmo que só lhes possamos arranhar a superfície, deles obteremos colheita. Li uma vez sobre as planícies da Índia, que eram tão férteis que você só tinha que coçá-las com uma enxada que elas riam às gargalhadas, e com certeza textos como esse podem ser descritos como igualmente prolíficos, ainda que sob nossa débil lavra. As pérolas aqui jazem tanto na superfície quanto no fundo. Basta procurarmos em sua superfície e mexermos um pouco no solo para nos espantarmos diante da plenitude de riqueza espiritual que está perante nós. Ó, que o Espírito de Deus nos ajude a desfrutar as benditas verdades aí expostas! Eis aqui o tesouro de valor inestimável, mas que fica escondido até que ele o revele a nós.

Veja que este texto é tirado da última oração de nosso Senhor com seus discípulos. Foi como se ele dissesse: “Eu estou para deixá-los, eu estou para morrer por vocês; por um momento não me verão; mas agora, antes de nos separarmos, vamos orar.” É um daqueles impulsos que vocês já sentiram por si próprios. Quando você está para deixar aqueles a quem ama, ficando eles em dificuldade e perigo, talvez, sente que não poderia fazer nada além de dizer, “que nos aproximemos de Deus”. Seu coração de forma alguma encontra um modo de se expressar tão adequado, tão congenial, tão satisfatório quanto se achegar ao grande Pai e expor o caso diante dele. Ora, uma oração de alguém tal como Jesus, nosso Senhor e Mestre; uma oração em uma tal companhia, com os onze que ele havia escolhido, os onze que se haviam associado com ele desde o início; uma oração sob tais circunstâncias, justamente quando ele estava à beira do riacho de Cedrom, para cruzar aquele soturno curso de água, subir ao Calvário e lá entregar sua vida – uma oração tal como essa, tão animadora, sincera, amorosa e divina, merece as meditações mais atentas de todos os fiéis. Convido-os a trazer até aqui seus melhores pensamentos e habilidades para navegar nesse mar. Não é um córrego ou baía, mas o próprio oceano. Não podemos esperar que conseguiremos medir sua profundidade. Isso vale para qualquer frase dessa oração incomparável; mas, para mim, a obra de exposição se torna extraordinariamente pesada, porque meu texto é a conclusão e o clímax dessa maravilhosa súplica: é o mistério central de tudo. Na mais baixa profundidade há ainda ali uma profundidade a mais para descer, e esse versículo é uma daquelas profundezas que excederão ainda mais a fundura restante. Ó, quanto precisamos do Espírito de Deus. Ore pelo orvalho dele: ore para que suas balsâmicas influências desçam ricamente sobre nós agora.

* Sermão n.º 1667, proferido na manhã de 2 de julho de 1882 (dia do Senhor), no Tabernáculo Metropolitano em Newington (ING). Porção das Escrituras lida antes do sermão: João 17. Hinos entoados (hinário próprio): n.ºs 917, 797 e 766.

Você observará que a última palavra da oração de nosso Senhor diz respeito a *amor*. Eis a última petição que ele apresenta: “Para que o amor com que me tens amado esteja neles, e eu neles esteja”. Ele não atinge altura maior do que esta, a saber, que seu povo seja cheio do amor do Pai. Como poderia subir mais alto do que isso? Pois tal significa ser enchido de toda plenitude de Deus,¹ visto que Deus é amor, e quem ama está em Deus e Deus nele.² Que importância você e eu devemos dar à graça do amor! Quão grandemente devemos estimar aquilo que Jesus transforma em joia da coroa de todas as coisas. Se temos fé, não nos satisfaçamos até que nossa fé opere por amor³ e purifique a alma. Com efeito, não nos contentemos até que o amor de Cristo seja derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos é dado.⁴ Bem disse o poeta,

“*Se só amor nos for dado,
Senhor, outro céu não pediremos;*”⁵

pois de fato não há outro céu embaixo, e dificilmente haverá algum outro céu que se eleve a altura maior do que a plenitude do amor perfeito. Este é o ponto em que a oração do Filho de Davi termina: “para que o amor com que me tens amado esteja neles”. Que tema! O mais alto a que nosso Senhor Jesus mesmo atingiu em sua mais nobre oração. Mais uma vez, com gemidos meu coração exclama, Espírito Santo, ajude-me.

Nesta manhã tentarei, em primeiro lugar, falar sobre *o alimento do amor*, ou do que vive o amor; em segundo, sobre *o amor em si mesmo*, que tipo de amor é ele; e, em terceiro lugar, sobre *o companheiro do amor*. “Para que o amor com que me tens amado esteja neles, e eu neles esteja”.

I. Primeiro, O ALIMENTO DO AMOR a Deus: que é ele? *É o conhecimento*. “Eu lhes fiz conhecer o teu nome, e lho farei conhecer mais”. Não podemos amar um Deus a quem não conhecemos: uma medida de conhecimento se faz necessária para a afeição. Por mais amoroso que Deus seja, um homem cego de alma não o pode perceber e, por isso, não é tocado pela amabilidade divina. Somente quando os olhos são abertos para contemplar a amabilidade de Deus é que o coração irá em direção a Deus, que é um objeto tão desejável para as afeições. Irmãos, devemos conhecer para que creiamos; devemos conhecer para que esperemos; e, sobretudo, devemos conhecer para que amemos. Portanto, é grandemente desejável que você conheça ao Senhor, bem como o grande amor dele, amor que transmite conhecimento. Você não pode retribuir amor que nunca tenha conhecido, assim como ninguém pode obter força de alimento que não tenha comido. Até que o amor de Deus haja primeiramente entrado em seu coração, e você haja se tornado um partícipe dele, não há como se regozijar nele nem retribuí-lo. Por conseguinte, nosso Senhor cuidou de nutrir os corações de seus discípulos com o nome do Pai. Ele labutou para lhes tornar conhecido tal nome. Esse foi um dos seus maiores esforços para com eles, afligindo-se ao ver a sua ignorância; a um deles teve que dizer: “Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe? Quem me vê a mim vê o Pai; e como dizes tu: Mostra-nos o Pai?”⁶ Estude muito, pois, a palavra de Deus: seja diligente em folhear as páginas da Escritura e em ouvir os verdadeiros ministros de Deus, para que a chama do amor dentro de seus corações seja reavivada pelo combustível do santo conhecimento que você coloca nisso. Empilhem os troncos de sândalo, e que o fogo perfumado queime diante do Senhor. Junte os punhados de incenso e o cheiro suave do conhecimento sagrado,⁷ para que no altar de seu coração sempre queime a chama sagrada do amor a Deus em Cristo Jesus.

O conhecimento de que se fala aqui é um *conhecimento que Jesus lhes deu*. “Eu te conheci, e estes conheceram que tu me enviaste a mim. E eu lhes fiz conhecer o teu nome, e lho farei conhecer mais”. Ó amado, jamais o conhecimento que você e eu recebe aprendendo de livros

1 Ef 3.19 (N. do T.)

2 1Jo 4.16 (N. do T.)

3 Gl 5.6 (N. do T.)

4 Rm 5.5 (N. do T.)

5 No original, *Only love to us be given, / Lord, we ask no other heaven*. Trecho de um hino de Charles Wesley (1707 – 1788), “Come and let us sweetly join” (*Hymns and Sacred Poems*), sem versão para o nosso idioma (N. do T.)

6 Jo 14.9 (N. do T.)

7 Lv 2.2 (N. do T.)

produzirá o amor ao Pai, mas só o conhecimento dado a nós por Cristo através de seu Espírito. Não é o conhecimento comunicado pelo pregador apenas que abençoará você; pois, por mais que ele seja ensinado pelo próprio Deus, ele não pode pregar ao coração se o bendito Espírito de Deus não vier e selecionar as coisas a serem faladas, revelando-as e manifestando-as a cada coração individual para que esse, como resultado, conheça ao Senhor. Jesus disse, “Pai justo, o mundo não te conheceu,”⁸ e você e eu estaríamos na mesma condição, estranhos a Deus, sem Deus e sem esperança no mundo,⁹ caso o Espírito de Deus não houvesse trazido as coisas divinas e as aplicado a nossas almas para que fôssemos levados a conhecê-las. Toda palavra de conhecimento viva é obra do Deus vivo. Se você conhecesse apenas aquilo que descobrisse por si mesmo, ou aquilo que aprendesse por seu próprio esforço à parte de Jesus, nada saberia direito: você tem que aprender por ensino direto e claro de Deus Espírito Santo para que você dele se beneficie. Somente Jesus Cristo pode revelar o Pai. Ele mesmo disse, “Ninguém vem ao Pai senão por mim.”¹⁰ Quem não conhece a Cristo não conhece o Pai;¹¹ mas quando Jesus Cristo o revela, ah! aí o conhecemos com um conhecimento especial, pessoal, peculiar, íntimo. Tal conhecimento traz consigo uma vida e um amor pelo qual a alma não se ensoberbece, mas é edificada. Por esse conhecimento crescemos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo,¹² sendo ensinados pelo Filho de Deus.

Tal conhecimento, caros amigos, *vem a nós gradualmente*. O texto indica isso. “Eu lhes fiz conhecer o teu nome, e lho farei conhecer mais”. É como se, apesar de eles conhecerem o Pai, houvesse muitíssimo mais a conhecer e o Senhor Jesus estivesse resolvido a lhes ensinar mais. Vocês estão crescendo em conhecimento, meus irmãos e irmãs? Meu trabalho se perde se você não estiver crescendo na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.¹³ Espero que você conheça muito mais de Deus do que conhecia vinte anos atrás quando primeiro veio a ele. Esse pequeno conhecimento que você recebeu pela graça, quando achou “vida em olhar para Jesus Salvador”,¹⁴ salvou-o; todavia, nos anos subsequentes, você adicionou à sua fé conhecimento, e ao seu conhecimento, experiência;¹⁵ prosseguindo, você conheceu com maior profundidade e detalhes o que no princípio parecia conhecer no geral e no todo. Você veio a olhar *para dentro* das coisas e também *sobre* as coisas – um olhar para Cristo salva; mas, ó, é o olhar *para dentro* de Cristo que ganha o amor do coração, fazendo com que nos agarremos e nos liguemos a ele como que com algemas de ouro. Devemos adicionar todo dia a esse armazém inestimavelmente precioso, para que, assim como somos conhecidos de Deus, também possamos conhecer a Deus e, com isso, sejamos transformados de glória em glória por seu Espírito.¹⁶

Você é grato por estas benditas palavras do Senhor Jesus: “Eu lhes fiz conhecer ... lho farei conhecer mais”? Ele fez isso na sua ressurreição, quando ensinou a seu povo coisas que esse não conhecia antes; porém, ele fez muitíssimo mais quando, depois de haver ascendido ao Céu, o Espírito Santo foi dado. “Esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.”¹⁷ E nos dias de hoje, nos corações de seu povo, ele nos está diariamente ensinando algo que desconhecemos. Toda a nossa experiência tende para esse caminho. Quando o Espírito de Deus abençoa-nos com uma aflição temos um dos livros iluminados do Salvador, do qual aprendemos alguma coisa a mais do nome do Pai. Em consequência, passamos a amá-lo melhor, pois é isso que Cristo almeja. Ele queria tornar conhecido ao Pai para que o amor com que esse o amou estivesse em nós, e para que ele mesmo estivesse em nós.

8 Jo 17.25 (N. do T.)

9 Ef 2.12 (N. do T.)

10 Jo 14.6 (N. do T.)

11 Mt 11.27 (N. do T.)

12 Ef 4.15 (N. do T.)

13 2Pe 3.18 (N. do T.)

14 Trecho da versão portuguesa do hino *There Is Life For a Look*, de Amelia Matilda Hull (1825-1884) (n.º 265 do Hinário para o Culto Cristão) (N. do T.)

15 Comp. 2Pe 1.5,6 (N. do T.)

16 2Co 3.18 (N. do T.)

17 Jo 14.26 (N. do T.)

Tal conhecimento nos distingue do mundo. É a marca pela qual os eleitos são manifestados. No versículo seis desse capítulo nosso Senhor diz: “Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste; eram teus, e tu mos deste, e guardaram a tua palavra.” O mundo não conhece o Pai, nem pode conhecê-lo, por estar nas trevas e morte do pecado. Portanto, julguem a si próprios por este teste seguro, e que o amor que brota do conhecimento gracioso lhes seja um sinal para bem.

Agora, deixem-me tentar lhes mostrar o que o Salvador quis dizer quando falou, “eu lhes fiz conhecer o teu nome, e lho farei conhecer mais”. Esse conhecimento que gera amor é o *conhecimento do nome de Deus*. O que ele quer dizer com “teu nome”? Ora, eu não acho que estaria pregando um sermão imprestável caso interrompesse a conexão para dizer que o “nome” que se tinha em vista aqui é sobretudo o nome usado no versículo 25: “Pai justo, o mundo não te conheceu”. Este é o nome de que mais carecemos conhecer — “Pai justo.” Observe a singular combinação. Justo e, ainda por cima, Pai. “*Justo*”: para nós, pobre pecadores, essa é uma palavra de terror quando a ouvimos pela primeira vez. “Pai”: ó, quão doce ela é. É uma palavra de bom ânimo até para nós, pródigos; porém, ficamos com medo de nos agarrarmos a ela, pois surgem nossos pecados e a consciência protesta que Deus deve ser justo e punir o pecado. Nosso gozo começa quando vemos os dois unidos: “Pai justo” — um Pai cheio de amor, e de nada que não seja amor, para com seu povo e, não obstante, justo como um Juiz, justo como se não fosse Pai.

Ministrando sua justiça com dura severidade como o Juiz de toda a terra deve ministrar mas, ao mesmo tempo, sendo um Pai. Assevero sim que nunca amei a Deus, absolutamente, nem consegui aceitá-lo em minhas afeições, até que entendesse como ele podia ser justo e justificador daquele que crê em Jesus: ¹⁸ em uma palavra, como ele pode ser o “Pai justo”. Isso satisfaz minha consciência e meu coração ao mesmo tempo, pois ela disse: “Está bem”. Deus não remove o pecado sem um sacrifício, fingindo que não o vê, tampouco prescinde da sua justiça para ceder à sua misericórdia, mas permanece tão justo quanto sempre foi — o mesmo Deus triplamente santo que de forma alguma poupará o culpado. Ele pôs o castigo de nossos pecados sobre Cristo; esse, que não conheceu pecado, foi feito pecado por nós, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus. ¹⁹ E tudo isso ele fez para que pudesse agir para conosco como Pai, salvando seus filhos do resultado das transgressões deles. Ele deu seu Filho unigênito para morrer em nosso lugar para que muitos filhos pudessem ser trazidos à glória por meio dele. ²⁰ É na cruz que compreendemos tal enigma. Vemos aqui o Pai justo. Mas o mundo não quer aprender isso, e uma grande parte da igreja professa, que em nada é melhor do que o mundo, a qual erradamente leva o nome de Cristo, também não o quer. Fazem tudo o que podem para se livrarem da expiação: amor sem justiça é o ídolo deles. Substituição é uma palavra de dura pronúncia para o mundo: este não a pode tolerar. Que Cristo devia sofrer no lugar do culpado, e suportar aquilo que jamais poderíamos suportar, a ira do Pai justo — isso eles não podem aturar. Muitos fingem defender a expiação e, não obstante, estripam-na. Professam crer no evangelho, porém, trata-se de um evangelho sem o sangue da expiação; e um evangelho sem sangue é um evangelho sem vida, um evangelho morto e ainda um evangelho maldito. ²¹ Que prestem atenção os que não conseguem ver a Deus como um Pai justo, porque estão contados entre o mundo que o desconhece. “Estes [te] conheceram,” diz nosso Senhor. Esses que foram ensinados por Cristo, e só esses, vêm e descobrem tanto gozo na palavra “justo” quanto na palavra “Pai”; e a ao combinar as duas sentem eles um amor intenso pelo “Pai justo”. Seus corações se exultam com um evangelho santo, uma mensagem de misericórdia congruente com a justiça, uma salvação pactual que está ordenada em todas as coisas e é segura, porque ela não faz violência à lei e não amarra as mãos da justiça. Amado, se tal revelação do sangue expiador não faz seu coração amar a Jesus e amar ao Pai isso se dá porque você não está nele; mas, se você conhece tal segredo quanto a como a justiça e a paz se beijaram, ²² você conhece o nome que ganha a afeição dos crentes em Deus. Meu coração se alegra e se rejubila a toda hora pois que encontro descanso na

18 Rm 3.26 (N. do T.)

19 2Co 5.21 (N. do T.)

20 Hb 2.10 (N. do T.)

21 Gl 1.8,9 (N. do T.)

22 Sl 85.10 (N. do T.)

substituição, segurança na vindicação da lei e bem-aventurança na glória do caráter divino.

*“Eis que na graça que aos homens resgatou
Sua mais fulgurante forma de glória brilha!
Aqui, na cruz, as mais belas linhas
Vertidas em precioso sangue carmesim.
“Contemplo eu aqui o mais íntimo do coração dele,
Onde a graça e a vingança estranhamente se juntam,
Trespessando seu Filho com a dor mais aguda e lancinante,
Para que a satisfação adquirida fosse minha.
“Ó, as doces maravilhas daquela cruz,
Onde o Deus Salvador amou e morreu!
Sua mais nobre vida meu espírito extrai
De suas caras chagas e lados ensangüentados.”*²³

Eu ainda tomaria a palavra “nome” *em um sentido mais amplo*. “Eu lhes fiz conhecer o teu nome”, o que significa “teu caráter.” A palavra “nome” é usada como uma espécie de resumo de todos os atributos de Deus. Todos esses atributos são bem apropriados para conquistar o amor de todos os espíritos regenerados. Pense só por um minuto. Deus é *santo*. Para uma mente santa nada há no mundo, nada há no céu mais belo do que a santidade. Lemos sobre as belezas da santidade; pois para uma alma purificada, a santidade é superlativamente amável. Ora, a beleza conquista o amor e, conseqüentemente, quando Jesus torna conhecido seu santo Pai, mostrando a nós em sua vida e morte a santidade daquele que é bendito eternamente,²⁴ então nosso coração é conquistado para o Pai. “Ó”, diz você, “mas nem sempre a santidade conquista o amor”. Não, não o amor dos corações pervertidos que não a podem apreciar; mas os que são limpos de coração e podem ver a Deus,²⁵ assim que contemplam sua santidade, enamoram-se dela, e suas almas imediatamente se deleitam em seu Senhor.

Outrossim, aprendemos por nosso Senhor Jesus que Deus é *bom*. “Ninguém há bom, senão um, que é Deus”.²⁶ Quão inexprimivelmente bom ele é! Não há bem algum que não aquele proveniente de Deus. Seu nome, “Deus”, é apenas a abreviação de “bom”,²⁷ e tudo de bom que recebemos nesta vida, e para a vida futura, é somente amplificação do seu bendito nome. “Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes”.²⁸ As bênçãos por nós desfrutadas são correntes que fluem da fonte da infinita bondade de Deus para com os filhos dos homens. Um homem não pode contribuir com elas amando a Deus assim que sabe que ele é bom, visto que todos os homens amam aquilo que percebem ser bom para eles. Um homem diz, “Ouro é bom; descanso é bom; fama é bom” e, por isso, visa a tais coisas, e quando vem a conhecer que Deus é bom, ó, então seu espírito o segue intensamente. Ele não pode contribuir com nada que não amando aquilo sobre o qual está persuadido ser, no mais alto sentido, bom. A alma que conhece o nome do Senhor se regozija na própria menção do nome dele.

23 Trecho traduzido do hino “Nature with open volume stands”, de Isaac Watts (1674 – 1748), integrante de seu hinário *Psalms and Hymns* e sem versão vernácula conhecida. Original: “Lo! In the grace that rescued man/ His brightest form of glory shines!/ Here, on the cross, ‘tis fairest drawn/ In precious blood and crimson lines./ “Here I behold his inmost heart,/ Where grace and vengeance strangely join,/ Piercing his Son with sharpest smart,/ To make the purchased pleasure mine./ “Oh, the sweet wonders of that cross,/ Where God the Saviour loved and died! Her noblest life my spirit draws/ From his dear wounds and bleeding sides” (N. do T.)

24 Rm 9.5 (N. do T.)

25 Mt 5.8 (N. do T.)

26 Lc 18.19 (N. do T.)

27 Spurgeon faz aqui um trocadilho com as grafias de *God* (“Deus”) e *good* (“bom”) no inglês. (N. do T.)

28 Tg 1.17 (N. do T.)

A pecadores como nós talvez a próxima palavra possa ter mais doçura. Deus é *misericordioso*; ele está sempre pronto a perdoar.²⁹ Observe como o profeta diz, “Quem é Deus semelhante a ti, que perdoa a iniquidade?”³⁰ Ele não diz, “Quem é *homem* semelhante a ti?”, posto que ninguém de nossa raça pode, sequer por um momento, comparar-se a ele; mas, mesmo se os deuses dos gentios fossem deuses, nenhum deles poderia ser assemelhado ao Senhor em misericórdia. Ora, quando um homem sabe que ofendeu e, no entanto, a pessoa por ele ofendida pronta e gratuitamente perdoa, isso ganha seu amor. Se se trata de um homem de coração reto, ele clama, “não posso mais ofender alguém que tão generosamente lançou para detrás de si todas as minhas ofensas”. A misericórdia de Deus é um atributo que conquista tanto o amor que, como eu disse a vocês no outro domingo, em um único salmo a igreja antiga cantava vinte e seis vezes, “Sua benignidade dura para sempre”.³¹ Livre graça e amor perdoador conhecida na alma de maneira sensível conquistará seus corações para Deus para sempre, de sorte que vocês serão seus servos voluntários enquanto existirem.

Não obstante, há ainda uma palavra mais elevada. Deus é *amor*; e há algo acerca do amor que sempre conquista o amor. Quando o amor veste sua armadura dourada e porta sua espada brilhante com seu altruísmo, ele sai vitorioso e para vencer.³² Uma vez que alguém entende que Deus é amor, que esse é a própria essência de Deus, ele logo amarà a Deus. Eu não quero meramente “apreender” que Deus é amor no frio intelecto; mas, quando esse coração começa a arder e queimar com essa divina revelação, então incontinenti o espírito se junta ao Senhor, e com deleite repousa no grande Pai dos espíritos.³³ O amor une e vincula. Ó, sintamos mais o poder unificador desse amor.

Assim, mostrei a vocês o maná de que o amor se alimenta, bem como o néctar que ele bebe. Tudo em Deus é amável, e traço algum há em seu caráter que seja de outro modo que não amável. Todas as amabilidades concebíveis estão acumuladas em Deus, sem a mais leve mistura ou adulteração. Ele é completa, total e absolutamente amável. Ó, seguramente nosso Senhor e Mestre foi sábio quando alimentou o amor de seu povo com tal comida.

II. Irmãos, até agora nós nos postamos apenas na boca da fofalha; entremos agora na chama devoradora, que é o segundo ponto de nosso discurso: o AMOR EM SI MESMO.

Observe, primeiro, *o que esse amor não é*. “Eu lhes fiz conhecer o teu nome, e lho farei conhecer mais, para que o amor com que me tens amado esteja *neles*”. Repare que a oração não é para que o amor do Pai seja posto *sobre* eles, ou para que lhes mova adiante. Deus não nos ama porque o conhecemos, pois ele nos amou antes que o conhecêssemos, exatamente como Paulo fala: “Seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas.”³⁴ Jesus não veio para colocar o amor de seu Pai sobre os escolhidos. Ó, não; nem mesmo morreu com tal objetivo em mente, pois o amor do Pai estava sobre os eleitos desde a eternidade. “O mesmo Pai vos ama”³⁵ sempre foi verdade. Cristo não morreu para que seu Pai fosse amável, mas porque seu Pai é amável: o sangue expiator é o fluxo do próprio coração de Deus em nossa direção. Assim, que não nos enganemos. Nosso Senhor não fala do amor divino em si mesmo, mas em nós. Não se trata do amor de Deus *para* nós que estamos agora lendo, mas daquele amor *em* nós. Em nosso íntimo devemos sentir o amor procedente do Pai e, dessa maneira, ter tal amor *em* nós. Esse deve ser reconhecido por nós, sentido em nós, feito o nosso motivo de gozo interior; eis o que nosso Senhor deseja produzir, para que o amor de Deus esteja em nós, habitando nossos corações, sendo um benvindo hóspede, o soberano de nossas almas.

E tal amor é *de uma espécie mui peculiar*. Permita-me ler de novo o versículo: “Que o amor

29 Sl 86.5 (N. do T.)

30 Mq 7.18 (N. do T.)

31 Sl 136 (N. do T.)

32 Ap 6.2 (N. do T.)

33 Hb 12.9 (N. do T.)

34 Ef 2.4,5 (N. do T.)

35 Jo 16.27 (N. do T.)

com que me tens amado esteja neles.” É o próprio amor de Deus em nós. O amor do Pai para com Jesus jorra qual uma fonte de cristal, com suas gotas cintilantes caindo e transbordando, como vemos nas fontes, e nós somos as taças nas quais esse amor transbordante de Deus para com Cristo Jesus flui, fluindo até que também estejamos cheios. O amor íntimo tão desejado para nós por nosso Senhor não é emoção natural, não é afeição procedente da vontade não regenerada, mas é o amor do Pai transplantado no solo desses pobres corações, transformando-se em nosso amor a Jesus, como haveremos de demonstrar no ponto seguinte. E não é maravilhoso isto, que o próprio amor de Deus para com Jesus habite nossos corações? Mas é assim que é. Observe: o amor com que amamos a Cristo é o amor de Deus para com Cristo – “para que o amor com que me tens amado esteja neles”. Todo o amor verdadeiro, como aquele em que o Pai se deleita e de nossas mãos aceita, nada mais é senão seu próprio amor, o qual flui do alto, de seu coração para as nossas mentes regeneradas.

Mas qual o possível significado disso? Tenho que pedir a você para observar que tal engloba em si quatro coisas preciosas.

A primeira é que o texto quer dizer que *nosso Senhor Jesus Cristo deseja que tenhamos um marcante reconhecimento do amor do Pai para com ele*. Ele quer que o amor com que o Pai o ama seja sentido em nós, de sorte que possamos dizer: “Sim, eu sei que o Pai o amou, pois eu, apesar de tão pobre, indigna e tola criatura, amo-o; e, ó, como seu Pai deve amá-lo.” Eu o amo! Sim, por sua graça, para ele foi coisa abençoada morrer; todavia, se *eu* o amo, então, ó, quanto deve seu Pai amar aquele que pode ver toda a beleza dele, e que ainda pode apreciar em separado cada parte do amor que no Pai está! Deus jamais amou algo tal como ele ama a Cristo, exceto a seu povo, e esse teve que ser alçado àquela posição pelo amor que o Pai tem por seu Filho. Pois, antes de mais nada, o Pai e o Filho são um: eles são um só em essência. O Salvador estava com o Pai desde o princípio, e seu deleite estava com ele, como até o Pai testemunhou: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”.³⁶ Ó, tente mesmo sentir, caso possa, o amor do Pai por seu Filho, do contrário você não amará devidamente ao Pai pelo estupendo sacrifício que fez ao nos dar Jesus. Pense no que lhe custou arrancar seu mui Amado de seu seio e enviá-lo aqui para baixo para ser “desprezado e rejeitado”.³⁷ Pense o que lhe custou pregá-lo naquela cruz, abandonando-o e escondendo dele sua face, pois que lançou sobre ele todos os nossos pecados. Ó, esse amor que ele deve ter tido por nós fez com que seu muitíssimo Amado fosse feito maldição por nós, como está escrito, “Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro.”³⁸ Quero que vocês introduzam isso direto em suas almas, caros amigos. Não a tenham por doutrina insípida, mas deixa-a tocar o seu coração. Deixem-na fluir para dentro de seus corações como uma correnteza de água em ebulição, até que suas almas passem a ser qual os gêiseres da Islândia, os quais fervem, borbulham e mandam seu vapor para as nuvens lá do alto. Ó, ter a alma cheia do amor do Pai para com aquele que é de todo amável!

Agora, vá um passo para mais adiante e mais fundo. Nosso texto oferece uma interpretação adicional. Lembre-se de que *deve ter consigo, em seu coração, um senso do amor do Pai para com você*, e recorde-se de que tal amor é precisamente o mesmo amor com que ele ama a seu Filho. “Para que o amor com que me tens amado esteja neles”. Ó, maravilha das maravilhas, sinto-me mais inclinado a sentar-me e a meditar em tal coisa do que a me pôr de pé e falar acerca dela! O amor com que ele amou seu Filho: tal é o amor dele para com todos os seus escolhidos. Você pode crer nisso, de que deve ser o objeto do deleite de Deus, exatamente como Cristo o é, por estar em Cristo; de que deve ser o objeto do amor do Pai tão verdadeiramente como Cristo o é, porque ele vê você como membro e parte do corpo místico de seu Filho mui amado? Não me diga que Deus Pai não o ama tanto quanto ama a Cristo: posso provar meu argumento pela coisa mais grandiosa, real e verdadeira que já existiu. Quando houve uma escolha sobre qual dos dois deveria morrer, Cristo ou seu povo, o Pai livremente entregou seu próprio Filho para que através dele pudéssemos viver. Ó, que encontro deve ter havido naquele dia dos mares de amor, quando o grande amor de Deus para

36 Mt 3.17 (N. do T.)

37 Is 53.3 (N. do T.)

38 Gl 3.13 (N. do T.)

conosco veio afluindo firme em nossa direção qual uma enorme e gloriosa maré, e seu amor para com seu Filho veio do mesmo modo e ao mesmo tempo. Se eles tivessem se encontrado e colidido, não teríamos como imaginar o resultado; porém, quando ambos vieram fluindo numa firme e poderosa torrente, que fluxo de amor houve! O Senhor Jesus afundou para que pudéssemos nadar, afundou para que pudéssemos subir; e agora somos carregados para diante, para sempre, pelo poderoso impulso do amor infinito, para uma bênção eterna que línguas e lábios nunca poderão expor em plenitude. Ó, extasie-se com isso. Fique arrebatado com isso; fique em êxtase diante de amor tão incrível, tão divino: o Pai ama você exatamente como ele ama a seu Filho; da mesma maneira e forma que ele ama todos os seus remidos.

Todavia, agora vem um terceiro sentido, qual seja, que *temos que refletir de volta tal amor, amando a Jesus como o Pai o ama*. Um amigo querido, falando-me outro dia em um tom entusiástico, disse: “Amo Jesus como o Pai o ama”. Isso é verdade; não de modo igual, mas semelhante. Esse não é um pensamento bendito? Eu disse: “Ó, amigo, isso é algo forte para se dizer!” “Ah,” respondeu ele, “mas não mais forte do que Jesus o fez ao orar para que 'o amor com que me tens amado esteja neles, e eu neles esteja.’” O povo dele ama a Cristo como o Pai o ama — da mesma forma, embora, por falta de capacidade, não possam atingir a mesma força imensurável de amor. Ó, lance de volta a Cristo o amor do Pai dele. O Pai é o sol e nós, a lua, mas a luz dessa é a mesma que a luz do sol. Podemos ver uma diferença, pois que o reflexo rouba da luz muito de seu calor e brilho, mas se trata da mesma luz. A lua não tem um só raio de luz que não o que lhe vem do sol, e nós não temos uma brasa viva ³⁹ de amor a Cristo que não aquilo que veio do Pai. Somos qual a lua, brilhando por meio de luz refletida, mas Jesus ama a luz da lua de nosso amor e se alegra nisso. Que a ele demos tudo: que tentemos ser sempre como a lua cheia, e não nos reduzamos a um mero eclipse anular de amor, ou a um crescente de afeição; não passemos para um amor meia lua; não sejamos escuro e frio em uma das metades, mas brilhemos em Cristo com toda a luz que pudermos refletir do amor de seu Pai, dizendo em nossa própria alma,

“Meu Jesus, eu te amo, eu sei que tu és meu;

Por ti todas as loucuras do pecado renuncio eu.” ⁴⁰

Depois, em quarto lugar, *esse amor do Pai em nós tem que irradiar para fora, para todos ao nosso redor*. Quando recebemos em nossos corações o amor com que o Pai ama o Filho, então tal amor tem que se dirigir a toda a semente escolhida. Aquele que ama ao que o gerou também ama ao que dele é nascido. ⁴¹ Sim, e nosso amor deve se dirigir a todos os filhos dos homens, buscando o bem deles para a glória de Deus, para que possam ser levados a conhecer o mesmo Salvador em quem nos regozijamos. Ó, se o amor do Pai adentrar a alma de um homem, ele o transformará; ele o impelirá com a mais nobre paixão; ele o tornará um zelote por Cristo; ele expulsará seu egoísmo; ele o mudará na imagem de Cristo, e o preparará para morar no céu, onde o amor é aperfeiçoado. ⁴²

Assim, concluo esse segundo tópico dizendo que essa residência do amor do Pai em nós tem os mais abençoados resultados. Tão logo isso adentra o coração ele diz a todo amor ao pecado: “Caia fora daqui; não resta mais lugar algum para ti aqui”. Quando a luz entra, as trevas recebem aviso imediato de despejo; a noite se vai assim que a aurora aparece. Ela também possui um poder *repelente*, mediante o qual rechaça os assaltos do pecado. Como se alguém apanhasse do céu o sol e com ele fizesse um escudo redondo, e o segurasse na própria cara do príncipe das trevas, cegando-o com a luz, assim o amor de Deus Pai repele o inimigo. Ele cinge a alma com as armas da luz. ⁴³ Ele rechaça o diabo, o amor pelo mundo, o amor pelo pecado e todas as tentações externas. Por outro

³⁹ Is 6.6 (N. do T.)

⁴⁰ No original: *My Jesus, I love Thee, I know Thou art mine; / For Thee all the follies of sin I resign*. Trecho do hino “My Jesus, I love Thee”, de William Ralf Featherstone (1842-1878), com música de Adoniram Judson Gordon (1836-1895). O Cantor Cristão e o Hinário Adventista trazem versões portuguesas dele (n.ºs 303 e 290, respectivamente) (N. do T.)

⁴¹ 1Jo 5.1 (N. do T.)

⁴² 1Jo 2.5 (N. do T.)

⁴³ Rm 13.12 (N. do T.)

lado, que poder *impulsionante* tem ele! Tenha o amor de Cristo dentro de você: é como se um motor recebesse fogo e vapor, obtendo a força que o aciona. Aí você tem fortalecimento, aí você tem motivação, aí você é instigado a esse e aquele feito heroico no qual, fora desse amor sublime, você nunca teria pensado. Por Cristo você pode viver, por Cristo você pode sofrer, por Cristo você pode morrer, uma vez que o amor do Pai para com ele se apossou totalmente do seu espírito. E, ó, quão elevador isso é. Como ele eleva um homem acima do eu e do pecado; como ele o faz buscar as coisas do alto! ⁴⁴ Quão purificador é isso; e quão feliz ele torna o objeto de sua influência. Se você é infeliz, você precisa mais do amor de Deus. “Ó”, diz você, “eu preciso ter uma renda maior”. Disparate! Um homem não se torna feliz por causa do dinheiro. Você viverá muito bem na pobreza se tiver o bastante do amor de Deus. Ó, mas se sua alma estiver cheia do amor de Deus, o seu espírito estará pronto para dançar só de ouvir o nome dele. Você murmura e resmungua contra a providência porque o fogo de seu amor está baixo. Venha, junte as brasas; ore para que o Espírito de Deus sopra sobre elas: implore a ele para trazer o combustível novo do santo conhecimento, até que sua alma se torne que nem o forno de Nabucodonosor, aquecido sete vezes mais. ⁴⁵ Esse é o tipo de amor que devemos ter para com Cristo. Bênção alguma o pode sobrepujar. Ó, Salvador, que tua oração seja cumprida em mim e em todo o teu querido povo nesta manhã, e que o amor com que o Pai ama a ti esteja em nós.

III. No terceiro tópico, eis O COMPANHEIRO DO AMOR. “Eu neles.” Olhe o texto por um minuto e apenas capte essas duas palavras. Eis aqui o “amor” e “eu” — o amor e Cristo se juntando. Ó, hóspedes benditos! “O amor e eu”, diz Cristo; como se ele sentisse nunca ter tido um companheiro que melhor combinasse com ele. O “amor” e “eu”: Jesus sempre estará em casa onde o amor estiver reinando. Quando o amor vive nos corações de seu povo, Jesus também vive ali. Jesus, então, vive nos corações de seu povo? Sim; sempre que houver o amor do Pai derramado neles, ele deve estar ali. Temos a própria palavra dele para isso, e estamos certos de que Jesus sabe onde ele está.

Estamos certos de que ele é o lugar em que o amor está; pois, primeiramente, onde há amor há *vida*, e onde há vida há Cristo, pois ele mesmo diz, “Eu sou a vida”. ⁴⁶ Não há vida verdadeira na alma do crente que está separado de Cristo. Estamos certos disso; de sorte que onde há amor há vida, e onde há vida há Cristo. Além disto, onde há o amor de Deus no coração há *o Espírito Santo*; porém, onde o Espírito Santo estiver, lá estará Cristo, pois o Espírito Santo é o representante de Cristo. E é nesse sentido que ele nos diz, “Eis que eu estou convosco todos os dias,” ⁴⁷ em outras palavras, porque o Espírito veio para estar sempre conosco. Dessa maneira, onde há amor há o Espírito de Deus, e onde há o Espírito de Deus há Cristo. Dessa maneira, trata-se sempre do “Amor e eu”.

Ademais, onde há amor há *fé*, pois a fé opera pelo amor, ⁴⁸ e jamais houve verdadeiro amor fora da fé; mas onde há fé há sempre Cristo, pois, tendo-se fé nele, ele é recebido na alma. Jesus está sempre perto daquela fé que tem ele próprio por alicerce e esteio. Onde há amor há fé, onde há fé há Cristo e, destarte, é “o amor e eu”.

Sim, só que onde há o amor do Pai para com Cristo no coração, *Deus* mesmo está ali. Tenho certeza disso, pois Deus é amor. ⁴⁹ Assim, se há amor dentro de nós Deus tem que estar lá, e onde Deus está, Cristo lá está, porquanto ele diz: “Eu e meu Pai somos um”. ⁵⁰ Desse modo, veja que, onde existe amor, Cristo deve estar, por essas razões e por muitas outras mais.

“Eu neles”. Sim, se me fosse ordenado pregar somente essas palavras por sete anos, eu jamais exauriria o texto, estou bem certo disso. Posso exaurir a você com minha estupidez, e exaurir

44 Cl 3.1 (N. do T.)

45 Dn 3.19 (N. do T.)

46 Jo 11.25; 14.6 (N. do T.)

47 Mt 28.20 (N. do T.)

48 Gl 5.6 (N. do T.)

49 1Jo 4.8,16 (N. do T.)

50 Jo 10.30; 14.9-11 (N. do T.)

a mim mesmo esforçando-me em falar tudo sobre o sagrado segredo, contudo, nunca exauriria o texto. “Eu neles”. É a mais bendita palavra que eu conheço. Você, querido, não precisa ir para longe para encontrar o Senhor Jesus Cristo. Onde você mora? Ele vive dentro de você. “Eu neles”. Assim que você orar, esteja seguro de que ele o ouve, visto estar dentro de você. Ele não está batendo à sua porta: ⁵¹ ele entrou em você, e aí ele reside, e nunca mais sairá de você.

Que bendito senso de poder isso nos dá. “Eu neles”. Então não se trata mais de “eu” em fraqueza, mas, posto que Jesus habita em mim, “posso todas as coisas em Cristo que me fortalece”. ⁵² “Eu neles”. É a glória do crente Cristo morar nele. “Para vós, os que credes, [a pedra, Jesus,] é preciosa”. ⁵³

Daí inferimos a segurança do crente. Irmão, se Cristo está em mim, e eu sou vencido, Cristo também é conquistado, pois ele está em mim. “Eu neles”. Não consigo compreender a doutrina de que os crentes caem da graça. Uma vez que Cristo neles entrou, não habitará com eles? Paulo diz: “Estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor”. ⁵⁴ Este credo eu confirmo, assino e selo. Bem, então, se Cristo está em nós, seja o que for que aconteça conosco, acontecerá com ele também. Seremos perdedores se não formos para o céu; mas ele também o será, visto estar em nós e, dessa forma, ser um participante de nossa condição. Se se trata de uma união indissolúvel — e ele declara que é — “eu neles”, então o destino dele e o nosso estão conectados um com o outro. E se ele conquista a vitória nós a conquistamos nele: se ele se assenta à destra de Deus, ⁵⁵ nós igualmente sentaremos à destra de Deus com ele, porque ele está em nós.

Não sei mais o que dizer, não por não ter mais o que falar, mas porque não sei o que apresentar dentre mil coisas preciosas; porém, deixo o assunto com você. Vá para casa e viva no poder deste texto abençoado. Vá para casa, e viva tão feliz quanto puder, e se ficar um pouco mais feliz, isso não o machucará, pois aí você estará no céu. Mantenha inquebrantável gozo no Senhor. Não é “eu neles” para os domingos, e “eu fora” nas segundas-feiras; “eu neles” quando tomam assento no Tabernáculo, e fora deles quando chegam em casa. Não; “eu neles”, e isso para sempre e eternamente. Vá e se alegre. Mostre a este mundo cego que você tem uma felicidade que brilha tão mais que a deles quanto o sol brilha mais do que as fagulhas que voam da chaminé e se extinguem. Parta com júbilo e seja levado adiante com paz; que as montanhas e colinas irrompam em cânticos diante de você.

*“Tudo o que me resta
É apenas amar e cantar,
E aguardar até que os anjos venham,
Levar-me para o Rei.”* ⁵⁶

“Ó, mas eu tenho os meus problemas”. Eu sei que você tem os seus problemas, porém, eles não são dignos de serem comparados com a glória que há de ser revelada em você, ⁵⁷ nem mesmo com sua glória presente. Sinto como se não pudesse pensar sobre problemas, pecados e qualquer

51 Ap 3.20. Spurgeon se refere aqui a uma exegese popular mas equivocada desse versículo, exegese sustentada pelos grupos arminianos ainda hoje. Na verdade, de maneira alguma o texto se refere a Jesus batendo à porta do coração do pecador perdido pedindo para entrar, mas sim batendo à porta da igreja espiritualmente “morna” de Laodiceia, como fica claro pelo contexto (N. do T.)

52 Fp 4.13 (N. do T.)

53 1Pe 2.7 (N. do T.)

54 Rm 8.38-39 (N. do T.)

55 Mc 16.19; At 7.55,56; Cl 3.1; Hb 10.12; 1Pe 3.22 etc. (N. do T.)

56 Original: *All that remains for me/ Is but to love and sing,/ And wait until the angels come,/ To bear me to the King.* Trecho do hino n.º 250 da coletânea *Gospel Hymns*, compilada por James Hall Brookes (1830-1897). Desconhece-se versão dele em vernáculo (N. do T.)

57 Rm 8.18 (N. do T.)

outra coisa sempre que vejo o amor de Deus para comigo. Quando sinto meu amor por Cristo, o qual não é senão o amor de Deus para com Cristo, queimando dentro de minha alma, então eu me glorio na tribulação, pois o poder de Deus será manifestado em mim através dessas aflições.⁵⁸ “Eu neles”. Que Deus abençoe você com o conhecimento desse mistério, por amor de Jesus. Amém.

Tradução de Vanderson Moura da Silva



Monergismo.com – “Ao Senhor pertence a salvação” (Jonas 2:9)

www.monergismo.com

58 Rm 5.3 com 2Co 12.9 (N. do T.)